



doi:10.14211/regepe.v6i1.353

TEORIA DA APRENDIZAGEM EXPERIENCIAL NO ENSINO DE EMPREENDEDORISMO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Recebido: 21/02/2016

Aprovado: 19/07/2016

¹ Patricia Viveiros de Castro Krakauer

² Silvio Aparecido dos Santos

³ Martinho Isnard Ribeiro de Almeida

RESUMO

Sabe-se que a experiência no processo de aprendizagem empreendedora tem sido considerada relevante. Uma das possibilidades de entendimento desta experiência é a teoria da aprendizagem experiencial que tem como pressuposto o uso da experiência concreta no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo discutir as seis proposições da teoria experiencial no contexto do ensino de empreendedorismo, buscando responder como professores percebem as características da aprendizagem experiencial no ensino de empreendedorismo. Trata-se de um tema de fronteira, ainda sem convergência de achados empíricos e, portanto, factível para um estudo exploratório. Assim, foi conduzida uma pesquisa exploratória, qualitativa, que utilizou como procedimento de coleta de dados entrevistas com especialistas. Foram entrevistados 16 docentes de empreendedorismo da cidade de São Paulo. Pela análise do discurso dos respondentes percebeu-se que a experiência é essencial para ensinar empreendedorismo: várias características da teoria foram percebidas como existentes no ensino de empreendedorismo e algumas limitações também, como a duração da aula, a disposição do aluno para tarefas fora do ambiente escolar, o planejamento curricular e a preparação do professor. O artigo contribui academicamente com um passo para o entendimento de um tema ainda carente de estudos e, na prática, com docentes que buscam explicações sobre a didática específica para se ensinar empreendedorismo.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Ensino; Teoria da Aprendizagem Experiencial.

¹ Doutora em Administração pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade na Universidade de São Paulo – FEA/USP, São Paulo, (Brasil). Professora e pesquisadora na Faculdade de Campo Limpo – FACCAMP, São Paulo, Brasil. E-mail: pkrakauer@terra.com.br

² Doutor em Administração pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade na Universidade de São Paulo – FEA/USP, São Paulo, (Brasil). Professor Sênior da FEA/USP. E-mail: sadsanto@usp.br

³ Doutor em Administração pela Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, (Brasil). Professor na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade FEA-USP. E-mail: martinho@usp.br

THE EXPERIENTIAL LEARNING THEORY IN ENTREPRENEURSHIP EDUCATION: AN EXPLORATORY STUDY

ABSTRACT

Experience in the process of entrepreneurial learning has been considered relevant. One of the understanding possibilities of this experience is the theory of experiential learning that has as prerequisite to the use of concrete experience in teaching-learning process. This article aims to discuss the six propositions of experiential theory in the context of entrepreneurship education, aiming to respond how teachers perceive the characteristics of experiential learning at entrepreneurship education. It is a border issue, yet without convergence of empirical findings and feasible for an exploratory study. Therefore, it was conducted an exploratory research, qualitative, that used interviews with experts as a procedure for data collection. Sixteen entrepreneurship professors of the city of São Paulo were interviewed. By the discourse analysis of the interviewees it is clear that the experience is essential to teach entrepreneurship: several theory features were perceived as existing in the process of teaching entrepreneurship and also some limitations, such as the lesson times, the willingness of the student for tasks outside the school environment, curriculum planning and teacher preparation. Academically, this article contributes with a step to understanding a theme that lacks studies and, in practice, with teachers who seek explanations on the specific didactics for teaching entrepreneurship.

Keywords: Entrepreneurship; Education; Experiential Learning Theory.



INTRODUÇÃO

De forma geral, o tema empreendedorismo tem tido destaque desde os anos de 1900 com os trabalhos de Schumpeter, que o abordava mais com um enfoque econômico. Apenas mais recentemente, dos anos 2000 em diante, é possível verificar pesquisas que voltam os seus esforços e questionamentos especificamente para o ensino de empreendedorismo (Klein & Bullock, 2006; Kuratko, 2003).

Tais questionamentos possivelmente acompanham a evolução dos cursos de empreendedorismo, sendo que o seu crescimento é destaque da pesquisa cronológica realizada por Katz (2003), que ao acompanhar o crescimento dos cursos e números de alunos, constatou um crescimento também na infraestrutura relacional, nas publicações e no surgimento de diferentes revistas especializadas.

O ensino de empreendedorismo pode ocorrer tanto na infância quanto na idade adulta. Na infância, vale destacar tanto os esforços de Dolabela (2004) em compreender a pedagogia empreendedora, que tem como pressuposto o entendimento do ser humano como gerador de novos conhecimentos, quanto o programa Jovens Empreendedores do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), voltado ao desenvolvimento de uma cultura empreendedora (Ricca, 2004; Hartt, 2008). Para adultos, foco da presente pesquisa, o ensino de empreendedorismo em vários países tem se destacado na graduação, especialmente no curso de administração, e ampliado seu raio de atuação nos cursos de MBAs e especializações (Honig, 2004; Katz, 2003).

A despeito do destaque que é dado ao empreendedorismo nos cursos voltados para adultos e a constatação de autores como Honig (2004), Kuratko (2004), Politis (2005) e Rae (2004) de que seja possível se ensinar a temática, percebeu-se que há uma lacuna teórica no que tange o entendimento de como se deve ensinar empreendedorismo, visto ser ainda incipiente o desenvolvimento de metodologias específicas para este fim, como pode ser percebido nos trabalhos de Corbett (2005), Honig (2004) e Neck e Greene (2011).

Acredita-se que um dos pontos de partida para tal entendimento seja o uso da experiência concreta no aprendizado empreendedor, sendo este o destaque dado por autores como Corbett (2005), Lima *et al.* (2015), Rae e Carswell (2000) e Zampier

e Takahashi (2011). Vale dizer que Corbett (2005) considera a teoria experiencial de aprendizagem de Kolb (1984) como uma possibilidade para tal processo.

Dado este contexto, o presente artigo é fundamentado na teoria da aprendizagem experiencial proposta por Kolb (1984), tendo como objetivo discutir as proposições e as características da teoria experiencial no contexto do ensino de empreendedorismo na graduação pela ótica de docentes, buscando respostas para como esses docentes percebem as premissas da aprendizagem experiencial no contexto em questão.

Justifica-se esta pesquisa pelo número reduzido de trabalhos que conjugam ambas as temáticas, o que foi constatado nas bases de dados investigadas, a saber: Web of Science, EBSCO e SPELL. Além disso, acredita-se, por seu tempo de pesquisa e pela existência de pontos não concordantes em sua abordagem, ser um tema de fronteira. Pode-se fundamentar tal afirmação no artigo de Kuratko (2004) que ressalta a emergência de se pesquisar o ensino em empreendedorismo pelas discussões apresentadas no trabalho de Katz (2008) sobre maturidade e legitimidade do campo de pesquisa e pela discussão teórica apresentada no estudo de Lima *et al.* (2015).

Em sendo um tema de fronteira, a atual pesquisa poderá contribuir academicamente com um passo para o entendimento de um contexto ainda em desenvolvimento e na prática de docentes que buscam métodos e didáticas específicas para o ensino de empreendedorismo.

O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO

Faz mais de 60 anos que o primeiro curso de empreendedorismo foi ministrado nos Estados Unidos, na Harvard Business School, em 1947. Com o passar de mais de seis décadas, o ensino de empreendedorismo cresceu, não apenas nos Estados Unidos, mas em vários outros países. Junto com tal evolução, observa-se o crescente interesse acadêmico sobre o tema (Katz, 2003; Lima *et al.*, 2015) e a discussão sobre metodologias específicas para o seu ensino (Honig, 2004; Neck & Greene, 2011).

A aprendizagem empreendedora, definida por Politis (2005) como um processo contínuo que facilita o desenvolvimento de conhecimentos necessários para



criar e gerenciar novos negócios de modo eficaz, é considerada por Rae (2004) e Lima *et al.* (2015) como uma importante área de estudo acadêmico em função de ainda não ser totalmente compreendida pelos pesquisadores que dedicam esforços neste sentido.

Jones e English (2004) argumentam que o ensino de empreendedorismo se volta para o aprendizado de habilidades que podem ser ensinadas e comportamentos que devem ser desenvolvidos no indivíduo de forma a auxiliá-los na busca de novos e inovadores negócios. Após uma pesquisa de campo realizada na Tasmânia, os referidos autores concluem que os melhores estilos de ensino de empreendedorismo são aqueles que consideram a ação orientada, a experiência e a resolução de problemas.

Lima *et al.* (2015) consideram que no Brasil os estudantes possuem uma intenção empreendedora maior se comparados com estudantes de outros países. Contudo, apesar dos avanços ocorridos no país, no que concerne à educação empreendedora, alguns desafios ainda existem, como o treinamento de professores. A importância do docente no ensino de empreendedorismo é considerada por Hannon (2006) como essencial.

Muitos desafios ainda existentes na educação empreendedora, como metodologias, práticas, treinamento de docentes e particularidades da temática, advém do fato de o tema ser multidisciplinar e complexo, influenciado pelos valores tanto da cultura do país quanto da aptidão de docentes e discentes (Lima *et al.*, 2015). Isso faz com que a aprendizagem do empreendedorismo precise ser repensada (Hannon, 2006; Honig, 2004; Jones & English, 2004; Era & Carswell, 2000).

Alguns modelos já foram propostos na teoria, sendo que três deles foram comparados no estudo de Zampier e Takahashi (2011), a saber: o de Moraes e Hoeltgebaum (2003), o de Politis (2005) e o de Rae (2004). Moraes e Hoeltgebaum (2003) apresentam um modelo dividido em três etapas: aprendizagem para empreender, aprendizagem gerencial e a estratégica. Na primeira etapa, o aluno desenvolve habilidades para a criação de um novo negócio, na segunda etapa o empreendedor aprende a gerenciar o negócio e na última, o aluno adquire conhecimento, habilidade e atitude que o permite agir estrategicamente.

Politis (2005) busca avançar no conhecimento teórico sobre o ensino de empreendedorismo, ressaltando a importância da experiência no aprendizado

empreendedor. Identificou-se três fases no aprendizado: experiências da carreira do empreendedor, o processo de transformação da experiência em conhecimento e o conhecimento adquirido, através do reconhecimento de oportunidades e das responsabilidades de um novo negócio.

O modelo conceitual de Rae (2004) considera três aspectos: formação pessoal e social, o aprendizado relacionado ao contexto e o empreendimento negociável, sendo que este modelo foi avaliado empiricamente em diferentes casos. O primeiro aspecto volta-se às aspirações pessoais, o segundo refere-se a uma comparação das experiências vivenciadas com as de outras pessoas e o terceiro aspecto, empreendimento negociável, relaciona-se com trocas interativas com pessoas envolvidas no empreendimento, como consumidores e fornecedores (Zampier & Takahashi, 2011).

É interessante destacar o papel da experiência nos modelos analisados. Além de se preocupar com a prática, o contexto e a ação, deve-se privilegiar a história dos empreendedores como fonte rica de conhecimento prático. Por isso que a simulação, o estudo de casos de sucesso e fracasso e a geração de significados a partir das experiências vivenciadas possuem destaque em pesquisas como as de Rae e Carswell (2000) e Honig (2004). Ambas também apontam a experiência como essencial para a aprendizagem empreendedora. No caso, a de Rae e Carswell (2000) ressalta que a experiência possibilita que o ser humano adquira e processe informações de modo a alterar sua estrutura cognitiva. Na de Honig (2004) percebe-se a necessidade premente de se pensar em alternativas ao ensino de empreendedorismo unicamente baseado na elaboração de planos de negócios, sendo a teoria experiencial e a contingencial uma proposta.

TEORIA DE APRENDIZAGEM EXPERIENCIAL (TAE)

Na gênese do modelo da aprendizagem experiencial estão os modelos de Lewin, Dewey e Piaget, que abordam como o indivíduo transforma o seu conhecimento através das experiências vivenciadas. Dando continuidade a tais trabalhos, Kolb (1984) propõe e testa empiricamente um modelo cíclico para a aprendizagem experiencial que considera que o conhecimento é gerado a partir da transformação da experiência através da reflexão.



Pimentel (2007, p. 160) ressalta que “aprender pela experiência não significa que qualquer vivência redunde em aprendizagem. Esta aprendizagem é, sobretudo, mental. Assim sendo, apropriar-se dos saberes procedentes da experiência demanda processos contínuos de ação e reflexão”. Para a autora, a percepção kolbiana de aprendizagem – como ficou conhecido o modelo de Kolb (1984) – se dá a partir de uma estrutura holística que considera, além da estrutura cognitiva, a ação, a emoção e a percepção.

Mainemelis, Boyatizis e Kolb (2002, p. 11) também discutem a questão de a TAE ser uma teoria holística de aprendizagem, pois “identifica diferenças nos estilos de aprendizagem através de várias disciplinas”, o que favorece o seu caráter multidisciplinar.

A TAE utiliza a experiência como centro do aprendizado, isto é, o modo como as pessoas adultas aprendem e se desenvolvem. O aprendizado requer que os indivíduos desenvolvam habilidades que estão em polos opostos. A decisão de como o indivíduo quer aprender depende de sua escolha pessoal: alguns obtêm informações de experiências concretas e tangíveis, enquanto outros de representações abstratas, planejando, pensando ou analisando determinada situação (Baker, Jensen & Kolb, 2005).

O modelo experiencial proposto por Kolb (1984) para o entendimento da aprendizagem é composto por quatro etapas: experiência concreta (EC), observação reflexiva (OR), conceptualização abstrata (CA) e experimentação ativa (EA). Essas etapas estão relacionadas em dois eixos dialéticos: EC-CA e OR-EA. Tais elementos de aprendizagem são apresentados de forma cíclica e podem ser visualizados na Figura 1.

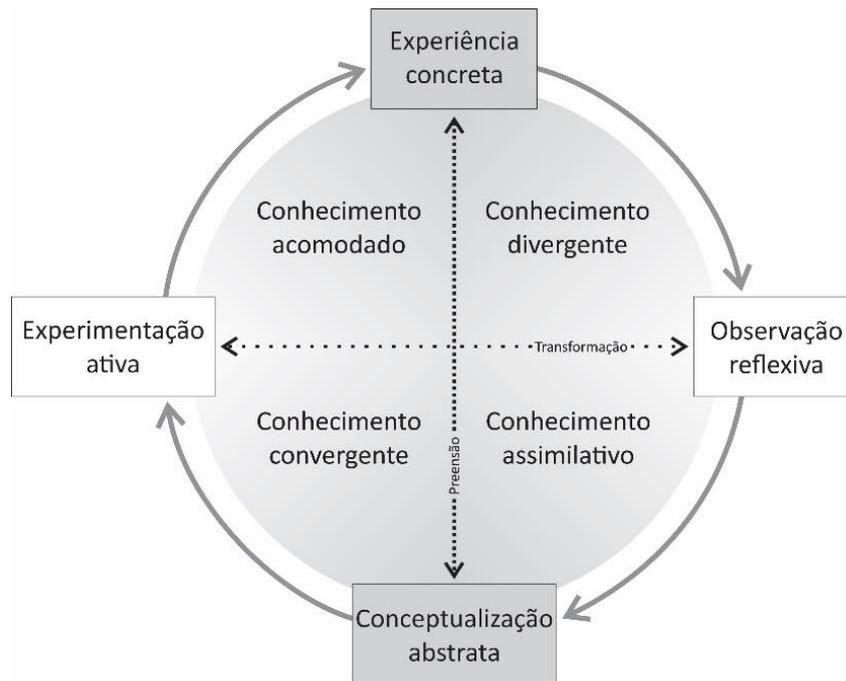


Figura 1: Ciclo da aprendizagem experiencial de Kolb
Fonte: elaborado a partir de Kolb (1984)

Pela percepção de Pimentel (2007), é possível observar no ciclo a relação dialética entre abstrato e concreto, resolvida através da apreensão, que comporta dois aspectos opostos. Assim, o indivíduo pode reportar a experiência e relatá-la. A outra relação diz respeito ao reflexivo e ativo que se manifesta na aprendizagem por transformação, através da observação reflexiva e da experimentação ativa, com o propósito de permitir a reconstrução de significados da pessoa.

Kolb (1984), com base nos modelos de Lewin, Dewey e Piaget, apresenta as características que considera fundamentais para a aprendizagem experiencial e que formam seis proposições, apresentadas a seguir.

Aprendizagem é mais Bem Concebida como um Processo, não Como Resultados (P1)

Para Kolb (1984, p. 26), “a tendência de definir a aprendizagem em termos de resultados pode se transformar na definição do não aprendido”. Tal perspectiva, em busca de resultados, parte da abordagem tradicional. Contudo, para o autor, a teoria



experiential nasce de diferentes suposições pelas quais as ideias não são fixas. Ao contrário, são formadas e reformadas a partir da experiência.

Corbett (2005) ressalta que essa é uma proposição essencial para o ensino de empreendedorismo. Acredita que ao transformar a experiência em conhecimento novo, a TAE permite que o indivíduo obtenha novos resultados de cada aprendizado, o que vai ao encontro da expectativa do empreendedor.

Aprendizagem é um Processo Contínuo, Fundamentada na Experiência (P2)

Compreender que a aprendizagem é um processo contínuo implica saber que todo aprendiz não é como um papel vazio, mas que todos iniciam uma situação de aprendizado com ideias articuladas sobre determinado tópico, sendo que, de forma similar ao modelo de Dewey, a continuidade da experiência é essencial para a teoria experiencial de aprendizagem (Kolb, 1984).

Tal constatação traz importantes implicações para a teoria. Em primeiro lugar, sugere-se que todo aprendizado é uma forma de reconstrução de significados, o que traz implicações para o planejamento de cursos de qualquer natureza e atividades. Em segundo lugar, questiona o papel do educador, pois traz o entendimento de que o trabalho do professor não é apenas o de introduzir novas ideias, mas também o de ter disposição para modificar antigos conceitos enraizados no aluno.

Sobre tal discussão, Corbett (2005) acrescenta que o conhecimento na forma experiencial também já foi investigado como fator primário para a identificação de oportunidades empreendedoras, opinião compartilhada por Rae e Craswell (2002), que consideram que o conhecimento é gerado de forma situacional com a prática, destacando também as relações sociais durante tal processo.

O Processo de Aprendizagem Requer a Resolução de Conflitos entre Elementos Dialeticamente Opostos (P3)

Todos os três modelos de aprendizagem experiencial analisados por Kolb (1984), a saber, Lewin, Dewey e Piaget, descrevem os conflitos dialéticos entre modos de se lidar com o mundo, sugerindo que a resolução de tais conflitos levaria à aprendizagem, sendo ela um processo natural de tensão. Para o autor, os aprendizes

devem ser capazes de refletir e observar suas experiências através de várias perspectivas de forma a gerar conceitos que integram a lógica teórica e a observação.

A aprendizagem requer habilidades opostas, sendo que existem duas dimensões básicas para o processo de aprendizagem. A primeira representa a experiência concreta e a conceptualização abstrata. A segunda dimensão refere-se à experimentação ativa e a observação reflexiva (Figura 1) e o aprendiz em tal processo, muitas vezes, age como ator e outras, como observador (Kolb, 1984).

A isto, o autor complementa que a forma como será resolvido o conflito entre os modos opostos é que ditará o nível de aprendizado resultante. A resolução da tensão entre as dimensões CA-EC é como o indivíduo irá absorver a experiência, enquanto a referente à tensão entre EA-OR corresponderá à transformação da experiência em conhecimento.

Ao considerar, contudo, o processo de desenvolvimento pessoal, o confronto deve levar em conta a criatividade e a integração de conceitos dos quatro modos (Kolb, 1984) existentes em seu modelo cíclico, que pode ser visualizado na Figura 1.

Aprendizagem é um Processo Holístico de Adaptação ao Mundo (P4)

A aprendizagem não é um elemento isolado, pois envolve outros aspectos como emoção, sentimentos, comportamentos, entre outros. Kolb (1984) complementa que o aprendizado é um processo de adaptação do ser humano às mudanças do mundo, sendo essa uma concepção que vai além da sala de aula, envolvendo vários estágios da vida humana e seus muitos momentos.

O ciclo apresentado na Figura 1, segundo o autor, foi desenvolvido pensando em questões de adaptabilidade do ser humano. “Quando a aprendizagem é concebida como um processo adaptativo holístico, proporciona pontes conceituais em situações da vida, como a escola e o trabalho, retratando a aprendizagem como um processo contínuo ao longo da vida” (Kolb, 1984: p. 33).

Especificamente sobre adultos, o autor destaca a importância de se pensar a aprendizagem experiencial na forma de processos dialéticos de adaptação ao mundo, especialmente pelo processo de crescimento que se volta à diferenciação e à integração hierárquica, sendo que os estágios mais avançados de desenvolvimento se caracterizam pela integração e integridade pessoal (Kolb, 1984, p. 213).



O que fundamenta tal proposição é o fato de que o aprendizado experiencial não ocorre apenas no plano cognitivo, pois para transformar a experiência em aprendizagem é essencial que também se analise outros elementos envolvidos, através de uma “perspectiva holística e integrativa de aprendizado que combina experiência, percepção, cognição e comportamento” (Kolb, 1984, p. 21).

Aprendizagem Envolve o Relacionamento entre o Indivíduo e o Ambiente (P5)

Kolb (1984) compreende o processo de aprendizagem como a interação entre o ser e o meio. Talvez mais até do que um simples processo de interação, ao que o autor chamou de transação, pois promove o entrelaçamento de ambos de forma a constituir um novo elemento. Apesar de considerar a proposição óbvia, argumenta que pouca importância se tem dado aos aspectos relacionais de causa e efeito de tal constatação.

Teorias que voltam seus esforços a respostas a estímulos descrevem relacionamentos entre o ambiente e as respostas do indivíduo em mão única. Na teoria experiencial a relação entre o ambiente e a pessoa é vista como em mão dupla, considerando os aspectos subjetivos e pessoais de tais relações.

Politis (2005) discute a importância das relações sociais envolvidas no aprendizado do empreendedor, questão que, segundo o autor, ainda carece de estudos futuros. Corbett (2005) também ressalta tais aspectos da aprendizagem empreendedora, especialmente da importância da interação com outros para o fortalecimento de práticas.

Aprendizagem é o Processo de Criação de Conhecimento (P6)

Por fim, a última proposição, dita que, para se entender o aprendizado, precisa-se entender o conhecimento humano e o processo pelo qual ele é criado. Kolb (1984, p. 36) ressalta que “conhecimento é o resultado da transação entre conhecimento social e conhecimento pessoal”, sendo que o processo conhecido como aprendizagem diz respeito à transação entre objetivo e subjetivo. Dentro desse postulado, a aprendizagem experiencial possui uma abordagem prática de resolução

de problemas, do senso comum e da interpretação em busca da aquisição do conhecimento.

Especificamente sobre empreendedorismo, Politis (2005) testou empiricamente o aprendizado experiencial neste contexto e sugere que o aprendizado empreendedor passa por três momentos: a carreira empreendedora, o processo transformador e o conhecimento empreendedor. Em se comparando com o preconizado por Kolb (1984), pode-se verificar a transação entre o objetivo e subjetivo, da prática à teoria, ou seja, da experiência vivenciada à abstração teórica que a alicerça.

Em resumo, atendendo ao objetivo desta pesquisa de discutir essas seis proposições da teoria da aprendizagem experiencial, apresentadas no trabalho de Kolb (1984) no contexto do ensino de empreendedorismo, elaborou-se a Figura 2, que pode ser visualizado na próxima seção referente aos procedimentos metodológicos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa com natureza exploratória e abordagem qualitativa, dado o questionamento apresentado na seção introdutória e o objetivo delineado. Como procedimento, optou-se pela entrevista semiestruturada, selecionando a entrevista com especialistas descrita no trabalho de Flick (2009) como a mais adequada para a resolução da problemática da pesquisa.

Entende-se que entrevistas com especialistas são aquelas que têm como respondentes pessoas que possuem conhecimento específico sobre determinada temática (FLICK, 2009; GIL, 1999), no caso, docentes de empreendedorismo. A decisão pelo tipo semiestruturado considerou a necessidade de se utilizar teoria durante a entrevista, sendo que, para Triviños (1987), a característica desse tipo de entrevista é a presença de questionamentos básicos apoiados em teorias. Nesse caso, o foco da entrevista está no pesquisador e não no respondente que pode, a partir das respostas, explorar os achados (*op. cit.*).

Os dados foram coletados utilizando-se como instrumento um roteiro semiestruturado desenvolvido a partir das proposições e características fundamentais da teoria experiencial de aprendizagem. Foram dois os instrumentos de pesquisa desenvolvidos, seguindo o preconizado por Flick (2009): o questionário precedente,



que qualificou o respondente como especialista diante dos critérios estabelecidos para a pesquisa e o roteiro, desenvolvido à luz da teoria consolidada na Figura 2, e as entrevistas.

A pesquisa foi delimitada a São Paulo (capital) e foram considerados especialistas professores de graduação, sujeitos sociais do presente estudo, que sejam ou tenham sido professores na área de empreendedorismo na cidade de São Paulo, com no mínimo um ano de experiência na disciplina de empreendedorismo na graduação.

	Proposição	Características
1	Aprendizagem é mais bem concebida como um processo, não como resultados.	Confronto de ideias para a construção do significado, conhecimentos consolidados se tornam mais complexos, conhecer é um processo contínuo de invenção e recriação hipotética sobre a realidade.
2	Aprendizagem é um processo contínuo, fundamentada na experiência.	O aprendizado é uma forma de reconstrução de significados, o trabalho do professor não é o de modificar antigos conceitos, o aprendiz possui ideias articuladas sobre determinado tópico.
3	O processo de aprendizagem requer a resolução de conflitos entre elementos dialeticamente opostos.	A resolução de conflitos dialéticos leva à aprendizagem, a aprendizagem requer habilidades que são opostas, a forma como será resolvido o conflito entre os modos opostos é que ditará o nível de aprendizado resultante.
4	Aprendizagem é um processo holístico de adaptação ao mundo.	O aprendizado experiencial não ocorre apenas no plano cognitivo, pois para transformar a experiência em aprendizagem é essencial combinar experiência, percepção, cognição e comportamento.
5	Aprendizagem envolve o relacionamento entre o indivíduo e o ambiente.	O processo de aprendizagem é a transação entre o ser e o meio, promovendo o entrelaçamento de ambos de forma a constituir um novo elemento.
6	Aprendizagem é o processo de criação de conhecimento.	A aprendizagem experiencial possui uma abordagem prática de resolução de problemas, do senso comum e da interpretação em busca da aquisição do conhecimento.

Figura 2: Proposições e características fundamentais da teoria experiencial de aprendizagem
Fonte: autores com base em Kolb (1984)

Foi realizado um pré-teste do instrumento em 05 de junho de 2014. Seguiram-se as etapas indicadas por Flick (2009) para este tipo de entrevista, sendo: (1) envio

do questionário precedente, de forma a qualificar o especialista, (2) realização da entrevista, (3) transcrição dos dados, e (4) validação dos achados. Foram enviados vinte e cinco convites para professores que compunham o corpo docente de instituições de ensino da cidade de São Paulo, selecionados pela facilidade de acesso e pela dedicação ao tema em estudo, e efetivamente 20 questionários precedentes, sendo consideradas 16 entrevistas válidas, conforme pode ser verificado na Figura 3.

As entrevistas ocorreram presencialmente ou com o uso do Skype (software que permite comunicação pela Internet através de conexões de voz) entre os meses de julho e setembro de 2014 e tiveram duração de aproximadamente 50 minutos. Para a realização das entrevistas foram considerados os preceitos éticos preconizados por Flick (2009) para estes fins: consentimento informado, não invasão da privacidade do entrevistado e clareza quanto ao objeto investigado.

Com relação ao total de entrevistados, tanto Flick (2009) quanto Mattar (2007) consideram que, no caso de pesquisas qualitativas, devam ser entrevistados tantos especialistas quanto necessário para a elucidação das questões propostas no estudo. Desta forma, com as 16 entrevistas válidas, obteve-se a saturação de dados no que diz respeito à convergência de opiniões acerca das proposições da TAE.

Entrevistado	Gênero	Titulação	Tempo de docência
E1	Feminino	Mestrado	04 anos
E2	Masculino	Pós-Doutorado	08 anos
E3	Masculino	Doutorado	02 anos
E4	Masculino	Doutorado	04 anos
E5	Masculino	Mestrado	03 anos
E6	Masculino	Livre-Docente	30 anos
E7	Feminino	Mestrado	28 anos
E8	Masculino	Doutorado	13 anos
E9	Feminino	Mestrado	05 anos
E10	Masculino	Livre-Docente	1 ano e 1/2
E11	Masculino	Especialização	06 anos
E12	Masculino	Especialização	31 anos
E13	Masculino	Mestrado	09 anos
E14	Masculino	Doutorado	08 anos
E15	Masculino	Mestrado	07 anos
E16	Masculino	Mestrado	02 anos

Figura 3: Perfil dos especialistas entrevistados
Fonte: dados da pesquisa



Para a análise dos dados coletados utilizou-se a análise do discurso, método recomendado por Flick (2009) quando a coleta de dados for feita através de entrevistas com especialistas e por Gill (2000) quando o discurso for de importância central para a reflexão sobre a problemática em curso. Vários são os estilos de análise do discurso e um deles recebeu influência da análise da conversação e com isso não há foco na relação do discurso com o mundo, mas sim no que as “narrações têm como objetivo conseguir” (*op. cit.*, p. 246).

O material dos questionários e os discursos das entrevistas foi analisado de forma a obter um padrão de respostas que pudessem formar um conjunto de opiniões sobre determinado tema, seguindo os passos propostos por Flick (2009) para este tipo de análise: (1) leitura cuidadosa das transcrições, (2) codificação do material, que foi feita utilizando-se planilha eletrônica de dados, e (3) análise analítica do discurso.

Limitações Metodológicas

Toda pesquisa acadêmica possui limitações metodológicas que devem, quando observadas, ser expressas pelo pesquisador. A própria natureza da pesquisa qualitativa traz em si uma limitação com relação à generalização dos achados, que no atual estudo referem-se apenas ao contexto pesquisado. Flick (2009) reflete sobre esta questão ao comentar que várias pesquisas são limitadas ao seu tempo e espaço e que, portanto, tal característica não é única de estudos que possuam abordagem qualitativa.

Assim sendo, deve-se observar a delimitação da pesquisa à cidade de São Paulo e ao contexto investigado, restringindo seus achados. Além disso deve-se mencionar a seleção dos entrevistados como uma das limitações metodológicas, dado ter sido feita pela acessibilidade deles.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Todos os entrevistados consideraram ser de extrema importância para o ensino de empreendedorismo a utilização de experiências. Corroborando com os autores investigados nas seções 2 e 3 da presente pesquisa, os especialistas acreditam que ensinar empreendedorismo não é apenas mostrar como se inicia uma

empresa ou elaborar um plano de negócios, mas sim auxiliar o aluno no desenvolvimento de uma forma de pensar empreendedora (Honig, 2004; Neck & Greene, 2011), tendo a experiência como alicerce para tal aprendizado.

Atendendo ao objetivo do atual estudo, discutiu-se especificamente as proposições da TAE e as características consideradas essenciais quando analisadas no contexto do ensino de empreendedorismo a partir do discurso dos respondentes e os resultados podem ser visualizados na Figura 4.

Sobre a primeira premissa da TAE, quatorze entrevistados concordam com ela e dois deles acham que depende. Coloca-se uma lente de aumento sobre os dois entrevistados que não concordaram de pronto com a premissa, observa-se que a ponderação deles se volta para o ensino de empreendedorismo em si ser entendido como um processo, reforçando a conclusão do trabalho de Neck e Greene (2011), que busca conceber o ensino de empreendedorismo como um método. As autoras citadas avançam na pesquisa do empreendedorismo como um método e não como um processo, de forma que possa relacionar com maior clareza a teoria com a prática, contribuindo com a interatividade e criatividade e considerando que aprender empreendedorismo é estar em um mundo em desconstrução, conforme também salientado pelo entrevistado E5.



Premissas	Características	Especialistas que:			
		Concordam	Discordam	Acham que depende	Não se posicionaram
Aprendizagem é mais bem concebida como um processo, não como resultados.	Confronto de ideias para a construção do significado, conhecimentos consolidados se tornam mais complexos, conhecer é um processo contínuo de invenção e recriação hipotética sobre a realidade.	E1, E2, E3, E4, E6, E7, E8, E9, E10, E12, E13, E14, E15, E16.	-	E5, E11.	-
Aprendizagem é um processo contínuo, fundamentada na experiência.	O aprendizado é uma forma de reconstrução de significados, o trabalho do professor não é o de modificar antigos conceitos, o aprendiz possui ideias articuladas sobre determinado tópico.	E1, E3, E4, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E13, E14, E15, E16.	-	E5	E2
O processo de aprendizagem requer a resolução de conflitos entre elementos dialeticamente opostos.	A resolução de conflitos dialéticos leva à aprendizagem, a aprendizagem requer habilidades que são opostas, a forma como será resolvido o conflito entre os modos opostos é que ditará o nível de aprendizado resultante.	E2, E6, E7, E11, E13, E14, E16.	-	E4, E5, E8, E9, E12.	E1, E3, E15.
Aprendizagem é um processo holístico de adaptação ao mundo.	O aprendizado experiencial não ocorre apenas no plano cognitivo, pois para transformar a experiência em aprendizagem é essencial combinar experiência, percepção, cognição e comportamento.	E1, E3, E4, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E13, E14, E15, E16.	-	E2, E5	-
Aprendizagem envolve o relacionamento entre o indivíduo e o ambiente.	O processo de aprendizagem é a transação entre o ser e o meio, promovendo o entrelaçamento de ambos de forma a constituir um novo elemento.	E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E13, E14, E15, E16.	-	-	-
Aprendizagem é o processo de criação de conhecimento.	A aprendizagem experiencial possui uma abordagem prática de resolução de problemas, do senso comum e da interpretação em busca da aquisição do conhecimento.	E1, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E10, E11, E13, E14, E15, E16.	E9	E2	E12

Figura 4: Proposições e características da TAE no ensino de empreendedorismo
Fonte: dados da pesquisa

Ao se verificar o resultado alcançado com a análise dos especialistas no que se refere à segunda proposição, a saber, a aprendizagem é um processo contínuo fundamentado na experiência. Quase todos os entrevistados concordaram com a afirmativa, com exceção dos entrevistados E2, que não se posicionou, e E5, que acha que depende. Pode-se apoiar tal achado nos trabalhos de Hannon (2006), Honig (2004) e Vanevenhoven (2013), que pontuam a relação cíclica entre a experiência e os conceitos teóricos.

Especificamente sobre os dois entrevistados que não apoiaram totalmente a assertiva, tem-se que o especialista E2 justificou que é difícil opinar sobre tal aspecto por não ministrar mais aulas na graduação, portanto não se sente atualizado, e o E5 acredita que se for uma aula de plano de negócios é difícil tratá-la como contínua, pois o aprendizado é interrompido, por exemplo, na finalização da elaboração de um plano, ou seja, existe início, meio e fim. Portanto, depende da proposta da aula e de sua didática.

Sobre esta questão da aprendizagem instrumental, pode-se argumentar que “a experimentação é vital para se estabelecer relações entre prática e teoria” (Pimentel, 2007, p. 166) e que mesmo uma aula com foco na elaboração de um plano de negócios precisa estar alicerçada em conceitos teóricos consoantes com a prática que o aluno irá vivenciar ao desenvolver o seu produto ou negócio (HONIG, 2004). Pode-se, pois, utilizar o plano de negócios como instrumento para a vivência de uma experiência substituta, descrita por Bruner (1968) em seu estudo sobre recursos didáticos auxiliares.

A terceira proposição, que afirma que o processo de aprendizagem requer a resolução de conflitos entre elementos dialeticamente opostos, foi a que apresentou menor concordância dos especialistas: sete especialistas concordaram, cinco acham que depende e três não se posicionaram. Dentre os que acharam que depende, acreditam que o conhecimento é gerado pela transformação da carga cognitiva, como também preconizado por Santos (2005), ou seja, eles acreditam que existe uma relação entre o concreto e o abstrato, entre a prática e a reflexão, mas não é a resolução de tais conflitos que levará à aprendizagem, pois a experiência por si já gera uma mudança cognitiva.

Percebeu-se maior dificuldade de entendimento desta questão pelos entrevistados, inclusive com três deles não se posicionando, provavelmente por



nenhum dos entrevistados ser da área de educação ou conhecer previamente a teoria em análise.

A proposição que trata da aprendizagem como um processo holístico de adaptação ao mundo traz dois entrevistados que acham que depende, E2 e E5, coincidente com a discussão da segunda premissa. Todos os demais que concordam comentaram que, além dos aspectos citados por Kolb (1984), eles também observam no contexto do empreendedorismo, ao considerar o processo holístico: a multidisciplinaridade e o entendimento do aluno como um todo, com sentimentos e expectativas que extrapolam o momento da sala de aula.

Sobre isso, Kolb (1984) destaca a necessidade de se estabelecer pontes conceituais entre as situações da vida, não apenas na escola, mas também no futuro ambiente de trabalho e na vida familiar. A forma de pensar o aprendizado como um processo holístico também proporciona um pensar sobre o aprendizado como forma de se adaptar ao mundo, tão comum no mundo organizacional.

Os dois entrevistados que não se sentiram confortáveis em concordar com a proposição elencam a importância de se utilizar instrumentos para o ensino de empreendedorismo, citando novamente o plano de negócios. Por isso, discordam da parte que a relaciona com a adaptação ao mundo. E5 comenta que “depende do momento e do trabalho que está sendo desenvolvido em sala de aula” e E2 acredita que “o aprendizado de um plano de negócios não envolve o comportamento do aluno e nem como ele se adapta ao mundo, mas sim a sua percepção sobre o negócio e o ambiente organizacional que o envolve”. Entretanto, o entrevistado o considera holístico no sentido de que “o sistema determina como se comportam as partes” e complementa com uma frase de Aristóteles: “o todo é maior do que a simples soma das partes”, o que julga ser verdadeiro tanto para o ensino de como se elaborar um plano de negócios quanto de como pensar e agir como um empreendedor.

A penúltima proposição dita que a aprendizagem envolve o relacionamento entre o indivíduo e o ambiente, com a qual todos os entrevistados concordaram. Acreditam que há a relação do aluno com o meio em que está inserido e essa é uma das dificuldades em sala de aula, pois cada um tem um tipo de formação educacional, de organização familiar e expectativas individuais.

Nesse sentido, a maioria dos especialistas trouxe contribuições no que se

refere: (1) à influência da família no processo, ou seja, o quanto a família apoia financeiramente e incentiva psicologicamente o jovem a ser empreendedor, especialmente em se tratando da abertura de um novo negócio; (2) à formação anterior do aluno; (3) às condições do ambiente físico da sala de aula, como temperatura, quantidade de alunos, mobiliário, entre outros; e (4) à disposição do professor no momento da aula, inclusive o seu conhecimento ou afinidade com determinada temática.

Neste ponto, é importante ressaltar a existência de dois tipos de experiência: a pessoal e subjetiva, exemplificadas pelo experimentar a felicidade, e a objetiva, concreta e ambiental como, por exemplo, a experiência que determinada pessoa obteve com o trabalho. Deve-se considerar, ao se analisar esta proposição, a profunda inter-relação dos dois tipos de experiências que também influenciam o contexto da disciplina. A forma como o aluno experiencia uma determinada atividade o leva a ter sentimentos que podem definir a sua participação ou não no semestre inteiro. Tal aspecto, comentado no trabalho de Kolb (1984), não foi identificado pelos especialistas entrevistados.

A sexta e última proposição da TAE determina que a aprendizagem é o processo de criação de conhecimento. Obtiveram-se com essa discussão os seguintes achados: os que concordam, a maioria dos entrevistados, acreditam que a abordagem prática aliada à interpretação de suas especificidades fará com que o aluno adquira conhecimento em empreendedorismo.

Já o especialista E9, que discordou da afirmativa, comenta que pela falta de preparo do aluno de graduação brasileiro em lidar com a transformação proposta no modelo de Kolb (1984) faz com que “ele fique no que é intangível, sem conseguir transpor para a prática o que está aprendendo. Os alunos são pouco reflexivos. Acho que ele aprende, mas não gera conhecimento.” Ao ser indagada sobre a diferença entre os dois, a entrevistada coloca que “aprender é assimilar algo sem a devida compreensão de sua substância, enquanto conhecer é compreender os significados na sua essência”.

A título de esclarecimento, Kolb (1984, p. 38) traz a definição de aprendizado como sendo “o processo pelo qual o conhecimento é gerado através da transformação



da experiência”⁴, sendo que o autor destacou que utilizou a palavra experiência pelo contexto da teoria em questão.

O entrevistado E2 acha que depende e volta à temática do objetivo da aula de empreendedorismo, acreditando que, como não há uma consolidação de conteúdos na graduação brasileira acerca dessa temática, as aulas são muito variáveis, sem um resultado previsível. Já o entrevistado E12, que concordou com todas as demais proposições, mostrou-se discordante nesse ponto, alegando que nem sempre o conhecimento é gerado a partir da experiência prática. Ele acredita que a experiência seja essencial para o ensino de empreendedorismo, mas não acha acertado generalizar tal fato a todo tipo de processo de aprendizagem e a todos os alunos.

Tem-se, pois, que, com poucas exceções, os especialistas entrevistados acreditam que as proposições delineadas por Kolb (1984) para a teoria da aprendizagem experiencial podem ser entendidas no contexto de empreendedorismo, considerando alguns detalhes específicos da temática, como:

- Deve-se preocupar-se com a interatividade e criatividade quando se trata do ensino de empreendedorismo, não presentes nas proposições delineadas para a TAE que não especificou a área do saber em sua constituição;
- Deve-se considerar a particularidade de se ter que ensinar determinadas ferramentas, como o plano de negócios, que fazem parte do *currículo* disciplinar de empreendedorismo;
- Deve-se considerar a diferença de expectativas dos alunos em uma aula de empreendedorismo, alguns querendo ser empresários no futuro, outros querendo ser gestores em uma grande empresa e outros sem saber o que querem. Tais diferenças, presentes também em outras disciplinas, têm uma importante implicação no ensino de empreendedorismo relacionado com o envolvimento do aluno em sala de aula;
- As proposições da teoria de aprendizagem experiencial não consideram o aprendizado pelo erro diretamente, essencial para o ensino de empreendedorismo, mas poderia estar considerado na proposição dois que trata da continuidade do processo;

⁴ Tradução do original: “Learning is the process whereby knowledge is created through the transformation of experience.”



- Não há menção sobre a influência da família no processo de aprendizado da TAE, o que é importante no empreendedorismo no Brasil dado o relacionamento que ela tem com a abertura de um novo negócio.

Na Figura 5 pode-se visualizar as principais considerações sobre as proposições e características da teoria experiencial no contexto do ensino de empreendedorismo, atendendo ao objetivo principal da presente pesquisa.

Proposição	Pontos observados no ensino de empreendedorismo
1	Os entrevistados concordaram com Kolb (1984) e consideraram que o ensino de empreendedorismo é processual. Porém, questiona-se a interatividade e criatividade em tal processo, aspectos não mencionados no trabalho de Kolb (1984).
2	Acreditam na experiência como essencial para o ensino de empreendedorismo e na relação cíclica entre teoria e prática. A proposição foi questionada quando se trata de um aprendizado instrumental, como o de um plano de negócios.
3	Os entrevistados consideram que a resolução das dialéticas concreto/abstrato e reflexivo/ativo em aulas de empreendedorismo ainda é um desafio.
4	Por ser multidisciplinar, a aprendizagem empreendedora deve ser holística, envolvendo também aspectos comportamentais e familiares.
5	Há influência do ambiente na aprendizagem empreendedora, seja de formação prévia, familiar ou educacional, sendo que tal entrelaçamento é fundamental para a geração de novo conhecimento.
6	O processo de aquisição do conhecimento empreendedor é bastante particular, pois além de ser multidisciplinar deve também considerar aspectos comportamentais do aluno. OS especialistas destacaram algumas particularidades do brasileiro, como preparo do aluno e currículo das faculdades.

Figura 5: Principais dados primários levantados sobre o ensino de empreendedorismo
Fonte: dados da pesquisa

Por se tratar de uma pesquisa exploratória, outros aspectos também tiveram destaque nas entrevistas, principalmente no que diz respeito à duração das aulas de graduação, em geral conflitantes com a aprendizagem experiencial, e com relação a disposição do aluno para a realização de tarefas fora do ambiente escolar. Outra questão levantada diz respeito ao planejamento curricular, também colocado por Kolb (1984) como uma limitação para a teoria de aprendizagem experiencial e a preparação do professor, que por ser horista em sua maioria, não possui tempo de dedicação que permita o planejamento mais complexo exigido por uma aula com esta didática.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser um tema de fronteira, com dados empíricos ainda não convergentes na literatura investigada, o atual estudo busca através da teoria experiencial explorar a temática considerada como de fronteira na administração. Ao analisar o entendimento das características que formam as proposições do aprendizado experiencial pela ótica de professores de empreendedorismo, buscou-se ampliar o conhecimento sobre um tema de fronteira, interdisciplinar e com pouco tempo de pesquisa.

Apesar de que a maioria dos entrevistados não conhece a teoria de aprendizagem experiencial, os relatos mostram que a aprendizagem experiencial poderia ser uma possibilidade para o ensino de empreendedorismo, sendo que várias premissas das proposições propostas foram identificadas pelos respondentes como positivas neste contexto.

O principal ponto de discordância entre os docentes entrevistados foi no que diz respeito ao preparo do professor para o uso da experiência prática e da teoria em sala de aula, em função da necessidade de maior planejamento da disciplina e do engajamento dos alunos. Os que acreditam ser esse um ponto conflituoso ressaltam que o professor não é prático o suficiente ou não conhece a teoria necessária para tal aprendizado, o que demandaria uma formação específica desse docente. Além disso, o tempo das aulas ou mesmo a impossibilidade de conduzir atividades fora do ambiente escolar poderia trazer dificuldades a estas didáticas.

Um ganho importante é a constatação de que a experiência *per si* não é fator de construção do conhecimento e que deve haver uma reflexão teórica e prática para que ela transforme a estrutura cognitiva do discente, condizente com o preconizado pela TAE. Destaca-se que a teoria foi desenvolvida com foco em alunos que estavam em pós-graduação, o que pode, aparentemente, ser um ponto para pesquisas futuras, pois, ao trazer as proposições para o âmbito do ensino na graduação, alguns pontos ainda carecem de respostas.

Como sugestão futura, recomenda-se estudos mais apurados sobre o ciclo de aprendizagem experiencial, de forma a entender melhor a adequação da teoria no contexto da aprendizagem empreendedora. Também se sugere que uma nova

pesquisa seja feita a partir da ótica dos alunos de empreendedorismo, pois poderia elucidar questões relacionadas à expectativa destes.

REFERÊNCIAS

Baker, A.C., Jensen, P.J., & Kolb, D.A. (2005). Conversation as experiential learning. *Management Learning*, 36(4): 411-427.

Bruner, J.S. (1968). Recursos didáticos auxiliares. In:_____. *O processo da educação*. 10ª. impressão. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Corbett, A. C. (July, 2005). Experiential learning within the process of opportunity identification and exploitation. *Entrepreneurship Theory and Practice*, p.473-491.

Dolabela, F. (abril/junho,2004). Pedagogia empreendedora. *Revista de Negócios, Blumenau*, 9 (2):127-130.

Flick, U.(2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.

Gil, A.C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

Gill, R. (2000). Análise do discurso. In: *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Org: Bauer, M. W.; Gaskell, G. 6a. ed. Petropolis, Vozes.

Hannon, P. D. (2006). Teaching pigeons to dance: sense and meaning in entrepreneurship education. *Education & Training*, 48 (5): 296-308.

Hartt, V. (2008). Empreendedorismo jovem. *Revista Conexão*. Ano III, n. 15, p. 18-23, . Disponível em:

http://www.sebraesp.com.br/arquivos_site/noticias/revista_conexao/revistaconexao_edicao15_agostosetembre08/files/agosto_setembro_08_0.pdf Acesso em: 05/05/2012.



Honig, B. (2004). Entrepreneurship Education: Toward a Model of Contingency-Based Business Planning. *Academy of Management Learning and Education*, 3(3): 258–273.

Jones, C., & English, J. (2004). A contemporary approach to entrepreneurship education. *Education & Training*, 46(8/9):416-423.

Katz, J.A. (2003). The chronology and intellectual trajectory of american entrepreneurship education. *Journal of Business Venturing*, 8 (2):283-300.

Katz, J. (2008). A. Fully mature but not fully legitimate: a different perspective on the state of entrepreneurship education. *Journal of Small Business Management*, 46(4): 550–566.

Klein, P. G., & Bullock, J. B. (2006). Can entrepreneurship be taught? *Journal of Agricultural and Applied Economics*, 38(26).

Kolb, D. A. (1984). *Experiential learning: experience as the source of learning and development*. New Jersey: Prentice Hall.

Kuratko, D.F. (2003). Entrepreneurship Education: Emerging Trends and Challenges for the 21st Century. White Paper, *U.S. Association of Small Business Education*, 2003. Disponível em:

<http://labsel.pesarosviluppo.it/Modules/ContentManagment/Uploaded/CMItemAttachments/entrepreneurship%20education%20-%20emerging%20trends.pdf>

Acesso em: 22/04/2013.

Kuratko, D. F.(2004). Entrepreneurship education in the 21st century: from legitimization to leadership. *Coleman Foundation White Paper*, 2004. Disponível em:

http://faculty.bus.olemiss.edu/dhawley/PMBA622%20SP07/Sloan/L3_M11_Entre_Education.pdf - Acesso em 23/05/2013.

Lima, E., Lopes, R.M., Nassif, V., & Silva, D. (2015). Opportunities to Improve Entrepreneurship Education: Contributions Considering Brazilian Challenges. *Journal of Small Business Management*, 53 (4):1013-1051.

Machado, N. J.(2011). *Epistemologia e didática: As concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente*. São Paulo: Cortez.

Mainemelis, C., Boyatzis, R., & Kolb, D. (2002). Learning Styles and adaptive flexibility: Testing the experiential learning theory of development. *Management Learning*, 33 (1): 5-33.

Mattar, F. N. (2007). *Pesquisa de Marketing*. 4. ed. São Paulo: Atlas.

Ministério Do Planejamento. (2013) *Portal Brasileiro de Dados Abertos*. 2013. Disponível em: <http://dados.gov.br/> Acesso em 01/06/2013.

Moraes, L. V. S, & Hoeltgebaum, M. (2003). Um modelo para a análise do processo de aprendizagem de empreendedores. In: 3rd. *International Conference of the IberoAmerican Academy of Management*, 2003, São Paulo. *Anais...*

Neck, H. M., & Greene, P. G. (2011). Entrepreneurship education: Known worlds and new frontiers. *Journal of Small Business Management*, 49 (1): 55–70.

Pimentel, A. (2007). A teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional. *Estudos de Psicologia*, 12 (2):159-168.

Politis, D. (July, 2005). The process of entrepreneurial learning: a conceptual framework. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29 (4): 399-424.

Rae, D. (2004). Entrepreneurial learning: a practical model from the creative industries. *Education & Training*, 46 (8/9): 492-500.

Rae, D., & Carswell, M. (2000). A life story approach in researching entrepreneurial learning. *Education & Training*, 42 (4/5): 220-227.



Ricca, J. L.(2204) Sebrae: o jovem empreendedor. *Estudos Avançados*, v.18 n.51. São Paulo May/Aug. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000200004&script=sci_arttext_ Acesso em: 03/05/2013.

Santos, R. V. (2005). Abordagem dos processos de ensino e aprendizagem. *Revista Integração*. Ano XI, 40:19-31.

Triviños, A. N. S. (1997). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Zampier, M.A., & Takahashi, A.R.W. (2011). Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. *Cadernos EBAPE Br*, v.9, edição especial, Rio de Janeiro.